

Uso do Facebook Durante o Estado de Emergência pela COVID-19: Experiência com os Estudantes de Geografia do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela

*The Facebook Use During the Emergency State by COVID-19: an Experience with
Geography Students at the Higher Institute of Education Sciences of Benguela*

*El uso de Facebook Durante el Estado de Emergencia por la COVID-19: Experiencia con los
Estudiantes de Geografía del Instituto Superior de Ciencias de la Educación en Benguela*

Fernando Vianeque Agostinho¹

Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela
Universidade Katiavala Bwila, Angola

fernandovianeke@gmail.com

Inês Alice Saveta²

Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela
Universidade Katiavala Bwila, Angola

inessaveta@hotmail.com

Resumo

Neste artigo apresentam-se os resultados da experiência dos professores e dos estudantes do 2.º e 3.º Anos de Licenciatura em Ensino da Geografia do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, da Universidade Katiavala Bwila, no uso académico do Facebook durante o estado de emergência pela COVID-19. O objectivo do estudo foi analisar as potencialidades do Facebook no apoio ao processo de ensino-aprendizagem, como contributo para a expansão da ferramenta no auxílio ao ensino presencial nas instituições de ensino superior, em tempos de pandemia. O estudo sustenta-se nos referenciais teóricos que colocam o Facebook entre as ferramentas mais utilizadas e com resultados importantes na sua adaptação para o apoio ao ensino presencial, mormente em tempos de crise. Para tal, elaborou-se um questionário para a recolha de dados, sustentado nas dimensões e indicadores determinados a partir das considerações teóricas assumidas neste estudo. Os resultados obtidos colocam o Facebook como a rede social mais utilizada no apoio ao ensino presencial, não obstante as dificuldades contextuais associadas ao tipo de telefones, na ausência de computadores ao domicílio, da fraca qualidade de internet e falta constante de saldo de dados, que limitam a partilha de vídeo-aulas e outros documentos, cingindo-se à exploração das ferramentas de discussão escrita, o que limita a formação e desenvolvimento de outros domínios da aprendizagem, como as de fórum psico-motor.

Palavras-chave: Facebook, COVID-19, processo de ensino-aprendizagem.

¹Doutor. Docente do Departamento de Ciências da Natureza. Secretário da Comissão Científica do Mestrado em Metodologia do Ensino Primário.

²Mestre. Docente do Departamento de Ciências da Natureza.

Abstract

This article presents the results of the experience of teachers and students of the 2nd and 3rd Years of Teaching Degree in Geography at the Higher Institute of Educational Sciences of Benguela, of the Katyavala Bwila University, in the academic use of Facebook during the state emergency by COVID-19. The aim of the study was to analyze the potential of Facebook to support the teaching-learning process, as a contribution to the expansion of this tool to support Angolan teacher in the higher education institutions, in times of pandemic. The study is based on the theoretical frameworks that place Facebook among the most used tools and with important results in its adaptation to support classroom teaching, especially in times of crisis. For this purpose, a questionnaire for data collection was elaborated, based on the dimensions and indicators determined from the theoretical considerations assumed in this study. The results obtained place Facebook as the most used social network in support of face-to-face education, despite the contextual difficulties associated with the type of phones, in the absence of computers at home, the poor quality of the internet and constant lack of data balance, which they limit the sharing of video lessons and other documents, limiting themselves to the exploration of written discussion tools, which limits the training and development of other domains of learning, such as the psycho-motor forum.

Keywords: Facebook, COVID-19, teaching-learning process.

Resumen

Este artículo presenta los resultados de la experiencia de docentes y estudiantes de segundo y tercer año de la Licenciatura en la Enseñanza de Geografía en el Instituto Superior de Ciencias de la Educación de Benguela, de la Universidad Katyavala Bwila, en el uso académico de Facebook durante el estado de emergencia por la COVID-19. El objetivo del estudio era analizar el potencial de Facebook para apoyar el proceso de enseñanza-aprendizaje, como una contribución a la expansión de esta herramienta para apoyar la enseñanza presencial en las instituciones de educación superior de Angola, en tiempos de pandemia. El estudio se basa en los marcos teóricos que colocan a Facebook entre las herramientas más utilizadas y con resultados importantes en su adaptación para apoyar la enseñanza en el aula, especialmente en tiempos de crisis. Para este propósito, se elaboró un cuestionario para la recolección de datos, basado en las dimensiones e indicadores determinados a partir de las consideraciones teóricas asumidas en este estudio. Los resultados obtenidos colocan a Facebook como la red social más utilizada en apoyo de la educación cara a cara, a pesar de las dificultades contextuales asociadas con el tipo de teléfonos, en ausencia de computadoras en el hogar, la mala calidad de Internet y la constante falta de equilibrio de datos, lo que limitan el intercambio de lecciones en video y otros documentos, limitándose a la exploración de herramientas de discusión escritas, lo que limita la capacitación y el desarrollo de otros dominios de aprendizaje, como el foro psicomotor.

Palabras clave: Facebook, COVID-19, proceso de enseñanza-aprendizaje.

INTRODUÇÃO

A humanidade enfrenta, desde finais de 2019, uma das consequências mais severas da globalização: a pandemia designada por COVID-19. Os limites territoriais revelaram-se insuficientes para fazer face à propagação letal do vírus, com consequências negativas nos domínios económico, social e outros, o que permitiu a que vários países, incluindo Angola, declarassem Estados de Emergência, com a suspensão das actividades lectivas presenciais para as instituições de ensino e o consequente isolamento social da população nos domicílios.

A pandemia COVID-19 veio reforçar os desafios da necessidade da adopção de alternativas formativas à actividade docente-educativa presencial, que, na realidade educativa de muitos países, em particular dos países desenvolvidos, já constitui uma prática tradicional, com recurso às ferramentas tecnológicas, construídas com a finalidade docente.

Não obstante à aceleração deste desafio provocado pela pandemia COVID-19, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), já recomendava, na sua Declaração Mundial Sobre a Educação Superior para o Séc. XXI, em 1998, que “as instituições de ensino superior devem dar exemplo em matéria de aproveitamento das vantagens e potencial das novas tecnologias, [...] constituir redes [...] criar novos entornos pedagógicos, [...] para que estas tecnologias transformem os estabelecimentos reais em entidades virtuais” (UNESCO, 1998, p.13).

Na abordagem específica das medidas para atenuar os efeitos da pandemia COVID-19 no processo de formação, a UNESCO (2020) divulgou dez recomendações sobre o ensino com o recurso às tecnologias como apoio ao ensino presencial, a partir das quais, se destacam seis, para o propósito do presente estudo:

- 1 – Analise a resposta e escolha as melhores ferramentas: Escolha as tecnologias mais adequadas de acordo com os serviços de energia eléctrica e comunicações da sua área, bem como as capacidades dos alunos (...).
- 2 – Assegure-se de que os programas são inclusivos: Implemente medidas que garantam o acesso de estudantes de baixa renda ou com deficiências (...).
- 3 – Atente para a segurança e a protecção de dados: Avalie a segurança das comunicações online quando baixar informação (...). Garanta que o uso destas plataformas e aplicações não viola a privacidade dos estudantes.

5 – Organização do calendário: Organize discussões (...) para compreender a duração da suspensão das aulas e para decidir se o programa deve centrar em novos conhecimentos ou consolidação de currículo antigo (...).

8 – Crie regras e avalie a aprendizagem dos alunos: Defina regras com os (...) alunos. Crie (...) exercícios para avaliar (...) a aprendizagem (...).

9 – Defina a duração das unidades com base na capacidade dos alunos: Mantenha um calendário de acordo com a capacidade dos alunos se concentrarem sozinhos, sobretudo para aulas por videoconferência (...) (UNESCO, 2020, p.1).

As recomendações anteriores constituem aspectos importantes para os professores do ensino superior em Angola na adopção de alternativas para assegurar a gestão do processo de ensino-aprendizagem das unidades curriculares, em tempos de pandemia, com o recurso às ferramentas tecnológicas, tendo sempre em consideração o contexto educativo para a sua utilização efectiva com fins docentes.

No entanto, a utilização das ferramentas tecnológicas para o apoio ao ensino presencial, suspenso pela pandemia COVID-19, é díspar entre as instituições de ensino superior africanas. Conforme refere a Associação das Universidades Africanas (AAU), “[...] a maioria das universidades africanas ainda não aplicou o ensino e a aprendizagem com o apoio de tecnologias de informação - isso inclui também algumas universidades que possuem sistemas de gestão de *e-Learning* instalados nos seus *campi*” (AAU, 2020, p.2). A Associação considera que a pandemia constitui uma oportunidade para que as “[...] instituições de ensino superior se posicionem de forma decisiva para institucionalizar o ensino e a aprendizagem com base em tecnologias de informação” (AAU, 2020, p.2).

Neste sentido, a AAU divulgou, social no seu comunicado, seis precauções para encorajar as instituições de ensino superior africanas a tomar as medidas necessárias para reduzir o impacto da COVID-19, entre as quais, recomenda, na sua terceira enunciação preventiva, que se deve “Agir com urgência na implementação de métodos alternativos de ensino e aprendizagem, com recurso à tecnologia e outras técnicas de ensino à distância” (AAU, 2020, p.2).

No contexto educativo angolano, mormente no Subsistema de Ensino Superior, com a publicação do recente Decreto Presidencial nº 59/20, de 3 de Março, que aprova o Regulamento das Modalidades de Ensino a Distância e Semi-presencial no Subsistema de Ensino Superior, o país reforça o seu alinhamento às recomendações internacionais e regionais sobre a aceleração do ensino com o recurso às tecnologias, como medidas de apoio

ao ensino presencial, uma medida oportuna, em particular em tempos de crise, como o da pandemia COVID-19.

No Diploma (Decreto Presidencial nº 59/20, de 3 de Março), define-se o ensino semi-presencial como “[...] uma modalidade auxiliar ao Ensino Presencial, em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre intermitentemente na interacção presencial entre estudantes, professores e demais actores, por mediação de utilização de ferramentas de informação e outros meios de comunicação” (Ponto 1, do artigo 22º), a partir da sua estrita relação com “[...] os planos curriculares e programas do Ensino Presencial, que são adaptados a esta realidade” (Ponto 2, do artigo 22º).

Em muitas instituições de ensino superior angolanas, com a interrupção repentina das actividades lectivas, por ocasião da COVID-19, foi insuficiente o nível de orientações metodológicas para a adopção imediata do uso das tecnologias no apoio ao ensino presencial.

Assim, durante o período de isolamento social, aumenta ainda mais o desafio do uso, pelos docentes, de alternativas tecnológicas que podem ser usadas com finalidade educativa, a partir da prévia negociação com os estudantes, para responder à interacção académica virtual, o que tem merecido o devido encorajamento a partir da tutela do Ensino Superior, referindo-se como uma “[...] oportunidade para privilegiar o atendimento digital, a comunicação electrónica e para usar as plataformas digitais de apoio ao ensino presencial” (Sambo, 2020, p.1). Entre as ferramentas de apoio ao ensino presencial estão as redes sociais.

A consulta realizada aos vários autores que se dedicaram à investigação sobre o aproveitamento das redes sociais na actividade docente-educativa permitiu constatar que, além da sua função tradicional, as redes sociais como ferramentas tecnológicas para “[...] expandir contactos, expor ideias e se relacionar com indivíduos de diversas regiões e localidades diferentes, formando assim grupos de amigos” (Junqueira, Filho, Lopes, Sousa & Fonseca, 2014, p.4), o seu uso como apoio ao ensino presencial está bastante consolidado, mormente no contexto do ensino superior, com experiências interessantes (Dias, Bittencourt, Silva, Bittencourt & Júnior, 2012; Herrera, 2013; Colás, Conde & Martín, 2015; González, Lleixà & Espuny, 2016; Rámila & Martinell, 2016; UNESCO, 2020). Estas contribuições reflectem o uso cada vez crescente das redes sociais como apoio ao ensino presencial.

Um estudo realizado por Dias, Bittencourt, Silva, Bittencourt e Júnior (2012) relativa à percepção de alunos e professores sobre o uso das redes sociais no processo do ensino-aprendizagem, em ambientes formais, numa instituição universitária brasileira, permitiu constatar que 83% dos alunos concordam que as redes sociais podem ajudar no aprendizado durante o curso, e 90% dos professores concordam que as redes sociais podem ou poderiam ajudar no aprendizado, onde se destaca a rede social *Facebook* como a mais utilizada. Estes critérios constituem um desafio, no contexto educativo angolano, para que as redes sociais sejam aproveitadas e adaptadas para o contexto de ensino-aprendizagem.

No mesmo sentido, uma investigação realizada por Herrera (2013), a partir de uma instituição universitária mexicana, constatou que “o acelerado crescimento das redes sociais nas preferências dos estudantes contrasta com o lento crescimento no uso das plataformas educativas como o *Moodle*” (Herrera, 2013, p.1). Este autor verificou que, “[...] 63,44% dos estudantes nunca utilizou plataformas educativas e somente 21,30% utilizaram o *Moodle*, que é a plataforma institucional do Campus” (Herrera, 2013, p.3).

Para Herrera (2013, p.4), “apesar dos esforços da Reitoria [...], é lamentável que o grande potencial das aulas virtuais não se tenha generalizado [...] em parte, devido ao baixo nível de utilização e [...] pela apatia ou desinteresse de muitos professores [...]”, aspecto que se reflecte e constitui um desafio a considerar para o contexto das instituições de ensino superior angolanas, no momento de implementar e generalizar as plataformas educativas virtuais, como recursos de apoio ao ensino presencial.

O autor anterior refere que a alternativa encontrada foi modificar o paradigma de levar as aulas virtuais aos estudantes, utilizando para o efeito as redes sociais, visando fortalecer o contacto e a interacção em alternativa às aulas virtuais por *Moodle*, o que “[...] permitiu aproveitar não só os recursos tecnológicos e aplicações que oferecem estes entornos, mas, também, ofereceu oportunidade de aproximar a aula aos estudantes” (Herrera, 2013, p.13), como uma oportunidade para a sua generalização no contexto do aproveitamento docente.

Na mesma perspectiva, Colás, Conde e Martín (2015) constataram no seu estudo sobre as redes sociais no ensino universitário e o seu aproveitamento didáctico a partir de uma instituição universitária espanhola, a contradição entre a percentagem muito elevada de

estudantes universitários que está familiarizada com as redes sociais e o baixo aproveitamento didático e educativo das mesmas pelas instituições universitárias. Nesta investigação, referem que uma das explicações poderia estar no facto de que as redes sociais “[...] não se lhes aplica uma funcionalidade específica e carecem, em muitos casos, de uma planificação estratégica que oriente as aplicações no âmbito formativo [...]. O seu uso focaliza-se, de preferência, em torno de actividades sociais fora do âmbito académico” (Colás, et al., 2015, p.106).

As redes sociais, nas tarefas docentes “[...] rompem [...] os limites do processo educativo presencial (espaços e tempos) [...], através da interacção comunicativa fluida” (Colás, et al., 2015, p.114). De outro modo, as redes sociais permitem a que os estudantes interajam com o professor a qualquer momento, não importando a posição geográfica ou temporal de cada actor do processo de ensino-aprendizagem, o que possibilita assumir que estas sejam, como referem Colás, et al. (2015), amplificadoras que intervêm na interacção professor-estudante, transformando as suas possibilidades comunicativas e educativas.

A partir dos pressupostos anteriores, os autores desta investigação, como professores, ao depararem-se com a suspensão das actividades lectivas presenciais decorrentes da pandemia COVID-19, e a necessidade da busca de alternativas que auxiliassem o processo de ensino-aprendizagem, realizaram um estudo exploratório que permitiu constatar que a maioria dos estudantes de Licenciatura em Ensino da Geografia, do 2.º e 3.º Anos, do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) de Benguela, possuía uma página no *Facebook*, individual ou em grupos.

Deste modo, por negociação com os estudantes, adoptou-se o *Facebook* como ferramenta tecnológica de apoio à actividade docente-educativa presencial. A presente investigação constitui uma experiência vivencial do uso do *Facebook* com os estudantes, como alternativa tecnológica para o apoio ao ensino presencial, que se revela fundamental, como por exemplo, em tempos de pandemia como é o da COVID-19.

A rede social Facebook, suas adaptações para fins docentes: vantagens e desafios

Qualquer professor que tenha uma conta na rede social *Facebook* pode visualizar um número considerável de estudantes como amigos em comum e estes, por sua vez, também

com os seus amigos, numa infinidade de conexões que apenas encontram limitação no número de contactos que cada página deve ter, impostos pela própria ferramenta, o que reforça a que esta seja uma das redes sociais mais populares da actualidade.

Segundo Diaz e Ignácio (2014), o *Facebook* é uma das redes sociais que mais cresce no mundo. Desenvolvida pelo norte-americano Mark Zuckerberg em 2004, para criar um espaço de conexão e comunicação entre os estudantes da Universidade de Harvard (EUA), na altura, ele, estudante universitário. Desde a sua criação o *Facebook* “(...) rapidamente se expandiu para todo o mundo. Além de possibilitar a conexão entre pessoas de diferentes espaços geográficos, o compartilhamento de informações e a interactividade de forma dinâmica e envolvente, ele agrega variados recursos digitais” (Diaz & Ignácio (2014, p.7).

Para o fundador do *Facebook*, “[...] a plataforma trabalha com um conceito de distribuição onde ao se conectar com seus amigos um indivíduo forma um diagrama social que integra a rede e é usado para distribuir todo tipo de informação” (Kirkpatrick, 2011, cit. em Fumian & Rodrigues, 2013, p.174). Com a expansão do *Facebook* também houve incremento na difusão das suas adaptações para diferentes fins.

No contexto educativo, como referido na abordagem introdutória do presente estudo, o uso do *Facebook* com o fim docente também vem crescendo, na convicção de que se o estudante está sempre nas redes sociais, então se pode aproveitar a sua presença nesta rede social para interagir com o professor e com os seus pares, ao mesmo tempo que pode consultar o material didáctico, resolver actividades práticas ou expor inquietações de determinado objectivo de aprendizagem não compreendido suficientemente nas aulas presenciais. Estas possibilidades do *Facebook* já levaram a que, em muitos contextos educativos, se constituísse uma ferramenta de apoio ao ensino presencial. Como se refere em Diaz e Ignácio (2014, p.7),

No mundo todo, muitos educadores já reconhecem os benefícios positivos da rede social para a aprendizagem dos alunos e já pensam em possibilidades para integrá-las em seu currículo nacional. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Ministério da Educação, através do Plano Nacional de Educação em Tecnologia de 2010, já aconselha a aplicação das tecnologias avançadas usadas quotidianamente tanto na vida pessoal quanto na profissional, em todo o sistema educacional para melhorar a aprendizagem dos estudantes.

As possibilidades do *Facebook* como rede social a considerar como alternativa de apoio ao ensino presencial deve-se a que, “a facilidade de acesso a um ambiente comum e de interesses comuns, entre professores e alunos possibilita uma maior difusão do conhecimento e interacção social” (Dias, Bittencourt, Silva, Bittencourt & Júnior, 2012, p.4), o que permite uma grande fluidez de interacção, sobretudo quando a conexão em internet é estável.

Da análise teórica das funcionalidades do *Facebook* como ferramenta de apoio às actividades docente-educativas, encontraram-se várias reflexões de experiências de utilização didáctica, que justifica o desenvolvimento de aulas com o recurso ao *Facebook* pelas seguintes razões:

- a) Os estudantes, em geral, tinham uma ampla experiência no uso do *Facebook*, pelo que, a curva de aprendizagem seria quase nula;
- b) A possibilidade que oferece o *Facebook* para formar grupos de usuários;
- c) O *Facebook* conta com uma tradição natural para o uso de fotografias e vídeos, recursos que possuem um grande potencial didáctico;
- d) O *Facebook* também facilita a comunicação escrita através de ferramentas como o chat, mensagens individuais ou colectivos, últimas notícias, etc;
- e) A possibilidade de organizar e programar eventos;
- f) A facilidade de incorporar outras aplicações directas ou em linha, como o Docs de *Facebook* (...) que permite subir documentos *Word*, *Excel*, *PowerPoint*, *Pdf*, entre outros e coloca-los à disponibilidade a um grupo seleccionado de usuários;
- g) A crescente disponibilidade de telefones celulares com acesso directo às redes sociais, em especial o *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, que contribui ao *u-learning* (Herrera, 2013, p.7).

Nesta investigação assumem-se os pressupostos anteriores que incorporam ao *Facebook* um valor didáctico importante para o apoio ao processo de ensino-aprendizagem, ao considerar que, a mesma permite:

a) Criar grupos privados de interacção académica, com o controlo sobre os membros do grupo. O que permite que se partilhem os objectivos de aprendizagem esperados, os conteúdos; se diversifiquem os métodos em função da participação dos estudantes, se compartilhem documentos e *links* para complemento às tarefas docentes;

b) Facilita os procedimentos de avaliação e de *feedback*, a partir da interacção professor-estudante, professor-grupo, estudante-estudante ou estudante-grupo a partir da página, monitorando e exercendo níveis de ajuda pedagógica para o alcance dos objectivos de aprendizagem.

c) Permite monitorar a progressão das aprendizagens nos domínios cognitivo e afectivo, embora resulte limitado monitorar o desenvolvimento do domínio psico-motor,

por exemplo, para as unidades curriculares de Geografia, a localização ou interpretação de determinado objecto, fenómeno ou processo geográfico com o recurso aos mapas geográficos, que pode ser resolvida com as actividades docentes presenciais.

No contexto angolano, à semelhança do resto do mundo, o uso do Facebook atingiu números expressivos, associado à crescente utilização de telemóvel, computador e a expansão de internet, essenciais para o funcionamento pleno da rede social, apesar de ainda constituir um desafio para o alcance de uma cobertura que facilite a generalização da utilização da rede social no contexto de ensino-aprendizagem.

Os resultados do Censo realizado em Angola, em 2014, referem que, em relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação, nos 12 meses anteriores ao estudo, 37,5% da população angolana com 5 ou mais anos de idade utilizou o telefone celular, apenas 10,2% utilizou a Internet, e 9,9% utilizou computador (INE, 2016, p.58). No mesmo sentido, em 2018, Angola já contava, segundo o Instituto Angolano das Comunicações (INACOM), com “[...] 13 milhões de utilizadores de telemóvel, quatro milhões dos quais com acesso a internet” (Lusa, 2018).

Não obstante a rede social *Facebook* ser compatível com a maioria dos telefones celulares, a sua exigência para a utilização com fins docentes, que permita a visualização de documentos em formatos *Word*, *Excel*, *PowerPoint*, *Pdf*, etc., entre os estudantes universitários permite considerar que exista um número relativamente baixo de usuários com disponibilidade de telemóveis com a compatibilidade plena para o cumprimento das exigências para esta finalidade, o que, para superar essas limitações, as publicações e comentários escritos, se afigurem entre os mais utilizados num contexto de extrema necessidade de telefones cada vez mais inteligentes. Quanto à disponibilidade de Internet e sua relação com o uso das redes sociais, mormente o *Facebook*, é cada vez mais crescente o número de utilizadores em Angola. Neste sentido,

Um estudo da empresa MF Press Global revela que o número de utilizadores de redes sociais também cresceu no país, sendo que as mais utilizadas são o Facebook, com 83 por cento, o *Youtube*, com 4.62 por cento, e o Instagram, com 2,5 por cento. Em termos comparativos, refere o estudo recente dessa empresa de comunicação, Angola está à frente de países como Moçambique e Guiné-Bissau, mas ainda perde para Guiné Equatorial, com 21,3 por cento da população com acesso à internet (Neto & Dias, 2019).

Por circunstância da pandemia COVID-19, as redes de telefonia móvel anunciaram a liberalização de um pacote mensal gratuito de saldo de voz e dados (até 200 megabytes) para as redes Movicel e Unitel, durante o estado de emergência (Agência Angola Press, 2020; Unitel, 2020), medidas que se consideram que podem auxiliar os estudantes universitários no acesso às ferramentas tecnológicas de interacção académica para o apoio ao ensino presencial.

À dinâmica crescente do uso do Facebook em Angola associa-se, ainda, o facto de, na actualidade, o acesso a esta rede social ser, também, grátis (Cognitivo, 2014; Jorge, 2015), o que, apesar de se reportarem vários constrangimentos, assume-se que esta gratuidade também influenciou no uso cada vez crescente desta rede social entre os usuários, em particular, entre os estudantes de nível superior. Apesar da facilidade do uso do *Facebook* por meio de telefones celulares, o uso desta rede social com fins docentes é facilitada quando o acesso se dá por intermédio do computador. A facilidade deve-se à interacção com os materiais didácticos nos vários formatos do *Microsoft Office*.

No entanto, como se referiu, apenas 9,9% da população angolana utilizava o computador segundo dados do Censo 2014. Apesar de mais de 5 anos desde a publicação dos dados censitários, este aspecto constitui um grande constrangimento aos estudantes devido ao número baixo de disponibilidade do computador nos seus domicílios, o que se considera que muitos estudantes universitários angolanos, em aulas presenciais, recorram com frequência aos *cybers* para a informatização de trabalhos orientados pelos professores.

Por exemplo, numa investigação sobre “os reptos do ensino dos Sistemas de Informação Geográfica: uma experiência a partir do ISCED de Benguela, Angola”, foi possível constatar que entre os 34 estudantes, que constituíram a amostra de investigação, apenas 44,12% referiram que possuem computadores, encontrando-se estudantes que recorrem à alugueres de computadores para a elaboração de projectos durante o trabalho autónomo (Vianeque & Bendrau, 2018). Este constrangimento constitui um dos desafios na adopção do *Facebook* com fins docentes, em tempos de pandemia, como a COVID-19, devido às circunstâncias de isolamento social do estudante.

Objectivo da pesquisa

Analisar as potencialidades do *Facebook* no apoio ao processo de ensino-aprendizagem, como contributo para a expansão da ferramenta no auxílio ao ensino presencial nas instituições de ensino superior, em tempos de crise como o da COVID-19.

METODOLOGIA

A investigação realizada seguiu uma abordagem de tipo misto, que integra dados qualitativos e quantitativos num mesmo estudo, para a obtenção de uma melhor compreensão do fenómeno investigado (Sampieri, Fernández & Baptista, 2006).

Para a recolha dos dados, recorreu-se ao inquérito por questionário, que consiste “[...] num conjunto de perguntas sobre uma ou mais variáveis a medir” (Sampieri, Fernández & Baptista, 2006, p.309). Assim, para a constatação do “Uso do *Facebook* na actividade docente durante o estado de emergência pela COVID-19: experiência com os estudantes de Geografia do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, Angola”, como variável desta investigação, a mesma foi decomposta em partes, derivando-se as dimensões e indicadores da variável a investigar (Cazau, 2004; Carballo & Guelmes, 2016).

A partir da operacionalização da variável da investigação (Tabela 1), permitiu elaborar-se o inquérito por questionário aplicado aos estudantes do 2.º e 3.º Anos de Licenciatura em Ensino da Geografia do ISCED de Benguela, para analisar as suas experiências vivenciais no uso do *Facebook* na actividade docente durante o estado de emergência em decorrência do impacto da pandemia COVID-19, como contribuição para a adopção de propostas que visem a melhoria e a expansão desta ferramenta como alternativa de apoio ao ensino presencial nas instituições de ensino superior angolanas.

Tabela 1: Dimensões e indicadores para a análise da experiência vivencial dos professores e dos estudantes no uso do *Facebook* na actividade docente durante o estado de emergência

Dimensões	Definição operacional	Indicadores
D1 – Tecnológica	Esta dimensão está relacionada com os aspectos técnicos que asseguram o acesso à rede social <i>Facebook</i> , que influenciam no seu efectivo uso pelo	I1-Grau de utilização do <i>Facebook</i> em relação a outras redes sociais.
		I2-Nível de acesso à rede social em função do sinal internet e tipo de

	estudante.	equipamento utilizado.
D2 – Educativa	Esta dimensão está relacionada com os aspectos ligados à interacção professor-estudante-grupo durante as actividades didácticas através da rede social <i>Facebook</i> .	I1- Grau de contribuição do <i>Facebook</i> à aprendizagem e sua relação com os professores e colegas. I2-Nível de dificuldades no uso do <i>Facebook</i> para a aprendizagem.

Fonte: Elaboração própria

A população desta investigação foi constituída por 134 (100%) estudantes do 2º e 3º Anos, da opção formativa de Licenciatura em Ensino da Geografia do ISCED de Benguela, referentes ao ano académico 2020, sendo: 48 (35,82%) estudantes do 2º Ano período Regular; 55 (41,04%) estudantes do 3º Ano, período Regular, e; 31 (23,14%) estudantes do 3º Ano, do período Pós-laboral.

O estudo foi realizado durante a vigência do Estado de Emergência pela COVID-19 com o conseqüente confinamento social dos professores e estudantes. Assim, devido à impossibilidade de acesso físico ao grupo estudantil, recorreu-se à amostragem por conveniência onde são seleccionadas “[...] as unidades de acordo à conveniência ou a acessibilidade do investigador” (Tamayo, 2001, p.13).

O inquérito por questionário foi partilhado com os estudantes, através da ferramenta *Facebook*, no mês de Abril de 2020. Deste processo, responderam ao inquérito 84 estudantes, o que representa 62,69% do colectivo de estudantes que integraram as actividades docentes, sendo: 29 (34,52%) dos estudantes do 2.º Ano período Regular; 32 (38,10%) estudantes do 3.º Ano, período Regular, e; 23 (27,38%) estudantes do 3º Ano, do período Pós-laboral.

Após à aplicação do questionário, procedeu-se o seu processamento, com o recurso ao *software Excel*, para a quantificação das respostas e logo em seguida, a transcrição e interpretação das respostas das perguntas abertas. Finalmente, procedeu-se à análise dos conteúdos das respostas com base nos critérios teóricos assumidos, com a posterior discussão dos resultados da investigação em função das dimensões e indicadores da investigação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta secção expõem-se os resultados da experiência vivencial dos professores e estudantes de Geografia, do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, Angola, no uso do *Facebook* na actividade docente durante o estado de emergência pela COVID-19, a partir das dimensões e indicadores que foram assumidos na investigação.

Descrição da experiência de interacção académica entre professores e estudantes pela rede social *Facebook* durante a pandemia COVID-19

No dia 19 de Março de 2020, quinta-feira, com apenas 13 dias do arranque do ano académico 2020, era publicado o Decreto Executivo nº 02/20, de 19 de Março, da Ministra do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação, a anunciar, no seu artigo 1.º, a suspensão das actividades lectivas por 15 dias prorrogáveis automaticamente, em função do comportamento global da COVID-19, com efeitos a partir de 24 de Março, segunda-feira da semana seguinte. O referido Decreto Executivo determinava, no seu artigo 2.º, que “Durante a suspensão das actividades lectivas, os estudantes devem realizar trabalhos académicos determinados pelas instituições de ensino superior” (Artigo 2º do Decreto Executivo nº 02/20, de 19 de Março).

Sem tempo lectivo de intercâmbio didáctico-presencial com os estudantes relativo à orientação de tarefas docentes para o período de confinamento social, os autores desta investigação, como professores, aproveitaram a sua experiência no uso quotidiano das redes sociais para apostar na interacção com os estudantes na criação dos grupos privados de interacção académica virtual.

Para a interacção académica com os professores através da rede social *Facebook*, foram criados três grupos privados por anos curriculares, 2º Ano Regular, 3º Ano Regular e 3º Ano Pós-laboral. Foi interessante constatar que os estudantes já mantinham a interacção entre pares por intermédio de grupos privados na rede social *Facebook*. Constatou-se, ainda, que a maioria dos estudantes assumia possuir uma conta no *Facebook*, aspecto que facilitou a eleição desta rede social para a sua adaptação com fins docentes.

No dia 25 de Março de 2020, iniciava-se o aperfeiçoamento das páginas existentes e a sua depuração, que consistiu na eliminação de estudantes estranhos ao ano curricular, e para o 2º Ano do período Regular e o 3º Ano do período Pós-laboral criaram-se novas páginas sob coordenação dos professores, com a consequente transferência dos contactos do respectivo grupo do ano curricular. Iniciava-se a expansão da lista de amigos no *Facebook*, para o adição ao grupo privado de interacção académica.

De modo a facilitar a planificação, pelos estudantes, das demais unidades curriculares do seu curso, decidiu-se adoptar a interacção *online* com os estudantes nos mesmos horários presenciais, com a submissão prévia da tarefa docente estruturada em: objectivos de aprendizagem, temáticas de abordagem, questões de discussão, sugestões didácticas, referências e *links* de consulta complementar, e, em alguns casos, o conteúdo mínimo para auxiliar as questões de discussão virtual. Pelos estudantes, foi notório o nível de participação e o esforço na resolução das questões e a discussão de tarefas docentes problemáticas, entre pares, cujas experiências vivenciadas se sintetizam na Tabela 2.

Tabela 2: Experiência vivencial dos professores por dimensões e indicadores

Dimensões	Indicadores	
	I1	I2
D1	<ul style="list-style-type: none"> A maioria dos estudantes utiliza o <i>Facebook</i>, o que facilitou a eleição desta rede social para a sua adaptação com fins docentes; A maioria dos estudantes apresentou o domínio no uso das ferramentas do Facebook, em particular na submissão de comentários escritos, na consulta aos <i>links</i> para acesso à bibliografia complementar, atribuição de gostos nas publicações dos professores e na interacção entre pares, para a resolução de actividades docentes. 	<ul style="list-style-type: none"> A maioria dos estudantes apresenta dificuldades de se manter <i>online</i>, devido ao fraco sinal internet, em particular na promoção de fóruns de discussão; Os professores têm inúmeras dificuldades na submissão de vídeo-aulas, <i>upload</i> de documentos (e o <i>download</i> dos mesmos pelos estudantes) <i>word</i>, <i>powerpoint</i>, <i>pdf</i> e imagens, devido ao baixo sinal de internet, tendo recorrido, apenas, a mensagens escritas publicáveis, e fóruns de discussão <i>online</i>, sempre que possível, por comentários escritos; Muitos estudantes relataram que recorrem aos telemóveis dos seus parentes para participarem das actividades académicas, justificando que os seus telemóveis eram incompatíveis com as exigências impostas pela interacção com os professores.
	D2	<ul style="list-style-type: none"> O recurso aos comentários escritos, devido ao fraco sinal

Dimensões	Indicadores
de acesso à rede, contribuiu nos fóruns de discussão entre os professores e estudantes e entre pares, quer directamente a partir da página, quer a partir do <i>chat</i> privado com o professor.	habilidades práticas e profissionais, por exemplo, associadas à leitura e interpretação de objectos, fenómenos e processos geográficos, que implicam o recurso aos mapas, que seriam mitigados com o recurso a vídeo-aulas, impossível devido às limitações de conexão contextual.

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da experiência vivencial dos professores na interacção académica com os estudantes através da rede social *Facebook* durante a pandemia COVID-19 ratificam os referenciais teóricos assumidos, que se operacionalizam nas dimensões e indicadores da investigação. Deste modo, na dimensão tecnológica, ressalta-se, por exemplo, os pressupostos relativos à escolha de tecnologias mais adequadas à realidade contextual e à capacidade dos estudantes (UNESCO, 2020), em função da experiência dos estudantes no uso do *Facebook*.

Na dimensão educativa, referencia-se, por exemplo, a facilidade do *Facebook* na formação de grupos de usuários, a comunicação escrita através de ferramentas como o *chat*, mensagens individuais ou colectivos (Herrera, 2013), que se considerou fundamental na interacção académica das unidades curriculares, não obstante as dificuldades de acesso devido ao fraco sinal *internet*, que se considera que afectou a exploração detalhada das potencialidades didácticas da rede social *Facebook*.

Descrição da experiência dos estudantes de Geografia no uso do *Facebook* durante o Estado de Emergência pela COVID-19

Com o propósito de analisar a experiência vivenciada pelos estudantes do 2.º e 3.º Anos de Geografia, do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, Angola, no uso do *Facebook* na actividade docente durante o Estado de Emergência pela COVID-19, a seguir apresentam-se os resultados, com a respectiva análise e discussões com base nos critérios teóricos assumidos, a partir das dimensões e indicadores da investigação.

Em relação à questão: qual é a rede social de que você participava antes do Estado de Emergência em Angola, face o *COVID-19*? Os resultados desta questão são os que se ilustram na tabela 3:

Tabela 3: Redes sociais mais utilizadas pelos estudantes antes da pandemia

Redes sociais	Sim	%	Não	%
<i>Twitter</i>	2	2,38	82	97,62
<i>Facebook</i>	79	94,05	5	5,95
<i>WhatsApp</i>	13	15,48	71	84,52
<i>Viber</i>	8	9,52	76	90,48
<i>Skype</i>	3	3,57	81	96,43
<i>Orkut</i>	0	0,00	84	100,00
<i>Instagram</i>	4	4,76	80	95,24
Outras	0	0,00	84	100,00

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados referem que antes do estado de emergência provocado pela COVID-19, 94,05% dos estudantes utilizava a rede social *Facebook*, com uma diferença de 79% em relação ao uso da segunda rede social, o *WhatsApp* com 15,48%, seguindo-se o *Viber*, o *Instagram*, o *Skype* e o *Twitter*.

Os resultados ratificam o elevado grau de utilização do *Facebook* pelos estudantes em relação às demais redes sociais. Fazendo uma triangulação com os referenciais teóricos assumidos neste estudo, este resultado permite aferir que este nível de utilização tenha relação com o facto do acesso ao *Facebook* ser grátis e compatível com a maioria dos telefones celulares (Cognitivo, 2014; Jorge, 2015), já que, por exemplo, o acesso à rede social *WhatsApp* e outros aplicativos se efectiva, apenas, com a conexão estável de internet. Este aspecto reforça o recurso ao *Facebook* devido à sua facilidade de acesso em função do sinal internet e tipo de equipamento utilizado.

Sobre a questão sobre: o uso do Facebook, durante o período de emergência, facilitou o seu aprendizado? De acordo com os resultados da investigação a 84 estudantes, 64,29% afirmou que Sim, 21,43% Não, e 14,29 responderam que contribuíram de forma parcial. Os resultados positivos se relacionam com as alternativas adoptadas com vista a melhoria do nível de acesso à rede social em função do sinal internet e tipo de equipamento utilizado, o que permitiu priorizar as mensagens de texto em detrimento de vídeo-aulas e submissão de documentos, que não seriam visualizados de forma adequada. De certo modo, esses resultados ratificam os critérios de que é possível transformar o *Facebook* numa ferramenta

amplificadora da aprendizagem como apoio ao ensino presencial (Dias et al., 2012; Herrera; 2013; Colás, et al., 2015).

Referente à questão sobre: em que aspecto o Facebook, contribuiu no seu aprendizado, durante o período em referência? Os resultados são os que se expressam na tabela 4:

Tabela 4: Contribuição do *Facebook*, no aprendizado durante o Estado de Emergência pela COVID-19

Opção de contribuição	Sim	%	Não	%
a) Na produção de conhecimentos	51	60,71	33	39,29
b) Na interacção entre pares	76	90,48	8	9,52
c) Maior relacionamento com o (a) professor (a)	81	96,43	3	3,57
d) Rapidez nas informações	36	42,86	48	57,14
e) Rapidez nas respostas das actividades didácticas	29	34,52	55	65,48
f) Ampliação da rede de contactos	69	82,14	15	17,86
g) Maior facilidade de obter os materiais das disciplinas	33	39,29	51	60,71
h) Houve pouca contribuição na totalidade	9	10,71	75	89,29

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados referem que, dos 84 estudantes inquiridos, uma percentagem superior a 65% dos estudantes considera que o *Facebook* contribuiu na produção de conhecimentos, na interacção entre pares, no maior relacionamento com os professores e na ampliação da rede de contactos, que se considera que ratifica as posições assumidas nesta investigação acerca das possibilidades desta ferramenta para a sua adaptação com a finalidade docente (Diaz & Ignácio, 2014; Herrera, 2013), com um grau aceitável de contribuição do *Facebook* à aprendizagem e sua relação com os professores e estudantes, para o apoio ao ensino presencial.

No entanto, se considera preocupante a baixa selecção das opções relativas à: rapidez nas respostas das actividades didácticas, maior facilidade de obter os materiais das disciplinas, que são os aspectos vivenciados pelos autores desta investigação, os quais se assumem que estejam relacionados com as limitações de acesso à rede social *Facebook* para a submissão de conteúdos multimédia e documentos de texto, devido aos problemas de conexão e às limitações do seu download pelos estudantes, que podem condicionar o uso do *Facebook* para

a aprendizagem. Esses aspectos precisam ser ponderados para efeitos de generalização do uso deste tipo de ferramentas tecnológicas.

Sobre a questão: que constrangimentos foram causados pelo uso do Facebook nas aulas do curso de Geografia, no período de emergência? Os resultados a esta pergunta ilustram-se na tabela 5:

Tabela 5: Constrangimentos vivenciados pelos estudantes durante o uso do *Facebook* para a interação académica

Constrangimentos	Sim	%	Não	%
a) Incompatibilidade de alguns telemóveis	48	57,14	36	42,86
b) Recursos financeiros para aquisição de saldo de dados da Internet	71	84,52	13	15,48
c) Acesso a rede de Internet	81	96,43	3	3,57
d) Disponibilidade do tempo do usuário para o desenvolvimento das actividades	23	27,38	61	72,62
e) Interação indirecta com os professores e colegas	67	79,76	17	20,24
f) Pouca percepção das questões colocadas	41	48,81	43	51,19
g) Limitação na exposição do conteúdo	33	39,29	51	60,71
h) Falta de vídeo-aulas dos professores	84	100,00	0	0,00
i) Dificuldades de baixar os conteúdos para a resolução das tarefas docentes	73	86,90	11	13,10

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados ilustrados na tabela anterior referem que, dos 84 estudantes pesquisados, assinalaram entre os principais constrangimentos, por ordem decrescente das percentagens: falta de vídeo-aulas dos professores, acesso a rede de *internet*, dificuldades de baixar os conteúdos para a resolução das tarefas docentes, recursos financeiros para aquisição de saldo de dados da internet, interação indirecta com os professores e colegas, e incompatibilidade de alguns telemóveis. Não obstante os aspectos positivos já referidos, os resultados ratificam o nível de dificuldades dos estudantes no uso do *Facebook* para a aprendizagem, devido aos constrangimentos tecnológicos que tiveram a sua afectação na dimensão educativa.

Estes resultados permitem considerar que o recurso às ferramentas tecnológicas como a rede social *Facebook* com fins docentes deve estar acompanhado com medidas de políticas que facilitem o acesso e a fluidez de navegação, para que se aproveitem todas as

potencialidades das tecnologias para a aprendizagem, desde a partilha de conteúdos multimédia, imagens e documentos em vários formatos elegíveis (Herrera, 2013), de modo a não limitar-se, apenas, a um dos seus recursos, a publicação de mensagens de texto, que contribuem no nível de dificuldades no uso do *Facebook* para a aprendizagem dos conteúdos das unidades curriculares.

Em relação à questão: 5. Para o melhoramento das actividades docentes, com recurso às redes sociais (*Facebook*) que sugestões darias? Entre os critérios emitidos pelos estudantes, destacam-se os seguintes:

(...) Sou de opinião que se estipulasse um horário fixo através do carregamento de telefone, na falta de energia sobre tudo para nós, do interior (Cubal, Ganda...) (Estudante A3).

Na minha opinião vejo que este método de aulas é bom, mas ainda não é melhor, porque chega a ser prejudicial para quem não tem acesso aos dados e internet para estar próximo com a realidade, e por outro lado, o tempo de aulas neste tipo de sistema deve ter um limite estabelecido (ou horário) esta é a minha opinião (Estudante A7).

Fazer acompanhar o conteúdo com exemplos e procurar saber se há entendimento por parte dos estudantes. Sempre que for possível, deixar sempre um vídeo com a explicação do professor acompanhado sempre com exemplos (Estudante A9).

(...) Visto que temos pouca experiência, nas aulas virtuais *Facebook*, o professor deve ser mais exigente em termos da nossa participação. De modo a não distrairmos as nossas atenções durante as aulas (Estudante A11).

Na verdade, as aulas presencialmente e virtualmente, as virtuais são mais cansativas, e digo por mim que as vezes não consigo ficar tanto tempo em frente ao telefone, e lendo tanto a cabeça dói muito...gostaria também que ajudassem a esclarecer as questões deixadas como actividades (Estudante A35).

Sugeria que o Ministério das Telecomunicações melhorasse a qualidade de internet (...) (Estudante A67).

Não tenho muito a sugerir, só tenho a dizer que o *Facebook* não é um meio viável para a avaliação, apenas para debates e partilhas de opiniões devido as inúmeras desvantagens que ela apresenta, nem sempre temos dados e a internet é muito baixa (Estudante A81).

Os critérios dos estudantes confirmam, por um lado, o esforço vivenciado na adaptação do *Facebook* para a actividade docente-educativa quando utilizavam esta ferramenta tecnológica fundamentalmente para a interacção com os seus amigos mas que, o uso desta rede social, em comparação com outras ferramentas, facilitou a adaptação estudantil

e elevou o interesse em prosseguir com o seu uso mesmo em períodos de pós-confinamento social, o que reforça, também, a contribuição do *Facebook* na sua aprendizagem.

Por outro lado, os resultados referem os desafios vivenciados pelos estudantes no acesso ao *Facebook* com fins docentes a partir dos telefones celulares, que relatam a qualidade de *internet*, carregamentos constantes de baterias, falta de energia, sobretudo no interior da província de Benguela (já que muitos estudantes tiveram que regressar às suas procedências para o confinamento junto das respectivas famílias), esforço ocular, falta de acesso à *internet* por término de recargas de dados de *internet*, ou a dificuldade da interpretação de mensagens de texto na ausência de imagens, de vídeo-aulas, e de outros documentos, para a facilitação da interpretação das tarefas docentes, que validam os referenciais teóricos assumidos neste estudo e a experiência contextual dos professores com o uso desta ferramenta com a finalidade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os preceitos teóricos assumidos nesta investigação permitem considerar que, neste período de extrema dificuldade que o mundo atravessa devido à pandemia COVID-19, as ferramentas tecnológicas são um recurso indispensável para realizar adaptações necessárias ao processo de formação de profissionais de nível superior, em instituições de ensino superior angolanas.

Os relatos de experiência em outros contextos educativos, do uso das redes sociais, mormente o *Facebook*, com resultados relevantes para o processo de formação, constituem antecedentes essenciais para a sua contextualização na realidade educativa local.

O aproveitamento do *Facebook* como ferramenta de interacção académica pode-se considerar viável entre os actores académicos, por ser uma das ferramentas mais utilizadas, embora com outros fins, o que constitui um desafio ao pessoal docente das instituições de ensino superior, com as necessárias adaptações em função do contexto educativo.

Os resultados da experiência vivencial dos professores e estudantes de Geografia do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, Angola, no uso do *Facebook* na actividade docente durante o Estado de Emergência pela COVID-19, permitem ratificar as

vantagens do uso desta ferramenta no processo de ensino-aprendizagem como apoio às actividades lectivas presenciais.

Os resultados vinculam as considerações teóricas assumidas no estudo, na sua relação entre a dimensão tecnológica e educativa, que colocam o *Facebook* entre as ferramentas mais utilizadas, o que facilita a sua adaptação para a finalidade docente em cenários contextualizados, em função da acessibilidade à rede social, o que pressupõe a devida flexibilidade docente na planificação, execução, avaliação e controlo das tarefas docentes e fóruns de discussão com os estudantes.

O estudo confirma, também, os desafios do uso do *Facebook* durante o período da pandemia COVID-19, associados aos tipos de telemóveis, na ausência de computadores ao domicílio, da fraca qualidade de internet e falta constante de saldo de dados para o acesso à internet, que impossibilitam a partilha de vídeo-aulas e outros documentos, que no modo grátis de acesso ao *Facebook* não é possível, limitando-se à exploração das ferramentas de mensagens de texto em fóruns de discussão escrita, o que, apesar de produzir resultados para a aprendizagem, se consideram que limitam a formação e desenvolvimento de outros domínios da aprendizagem, como as relativas ao desenvolvimento de habilidades práticas.

Os resultados deste estudo reflectem, também, os desafios para que se continue a explorar a rede social *Facebook* com a finalidade educativa, e a ponderação da liberalização, no modo grátis, do acesso a algumas ferramentas de visualização de conteúdos multimédia, imagens e documentos com o registo prévio e reconhecimento dos grupos privados, para que esta ferramenta constitua, em tempos de crise, uma alternativa fundamental de apoio ao processo de ensino-aprendizagem presencial. De outro modo, o estudo reflecte, ainda, a ponderação de que, em tempos de pandemia, se realize o cadastramento prévio do colectivo estudantil a partir das instituições de ensino superior, para que a medida de liberalização de pacotes mensais gratuitos, mormente de dados, seja alargada ou convertida a partir dos grupos privados de apoio ao ensino presencial, para assegurar que se explorem todas as potencialidades do *Facebook* para o processo de ensino-aprendizagem, que em situação de estabilidade de conexão já se comprovou que esta ferramenta cumpre esses propósitos de adaptação docente, para o apoio ao ensino presencial.

REFERÊNCIAS

- Agência Angola Press (ANGOP) (2020, Abril 1). *Operadora Movicel atribui pacote especial gratuito*. Recuperado de: <https://portalangop.co.ao>. Acessado em 19/04/2020.
- Associação das Universidades Africanas (AAU). (2020, Março 30). *Comunicado de imprensa da AAU sobre a pandemia do Coronavírus (COVID-19). Interrupção das Actividades Lectivas e Respostas Propostas*. Recuperado de: <https://www.aau.org/wp-content/uploads/sites/9/2020/03/Portuguese-FINAL-THE-AAU-COVID-PRESS-RELEASE.pdf>. Acessado em 24/04/2020.
- Carballo, M.B. & Guelmes, E.L.V. (2016). Algunas consideraciones acerca de las variables en las investigaciones que se desarrollan en educación. *Revista Universidad y Sociedad* [seriada en línea], 8 (1). pp.140-150. Recuperado de <http://rus.ucf.edu.cu/>. Acessado em 26/04/2020.
- Cazau, P. (2004). Categorización y operacionalización. *Apuntes sobre Metodología de la Investigación*. Universidad Pedagógica de Durango. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2880797.pdf>. Acessado em 26/04/2020.
- Cognitivo, J. (2014, 3 de Março). *Angola Utilizadores não conseguem aceder ao “Facebook zero” com o Opera Mini*. Recuperado de: <https://www.menosfios.com/angola-utilizadores-nao-conseguem-aceder-ao-facebook-zero-com-o-opera-mini/>. Acessado em 23/04/2020.
- Colás, P.B., Conde, J.J. & Martín, A.G. (2015). Las redes sociales en la enseñanza universitaria: Aprovechamiento didáctico del capital social e intelectual. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, vol. 29, núm. 2, 2015, pp. 105-116. Asociación Universitaria de Formación del Profesorado. Zaragoza, España. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27443659008>. Acessado em 20/04/2020.
- Decreto Executivo nº 02/20, de 19 de Março. (2020). *Decreta a suspensão das actividades lectivas no Subsistema de Ensino Superior, em função do comportamento global da COVID-1*. Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação, Angola.
- Decreto Presidencial nº 59/20, de 3 de Março. (2020). *Regulamento das Modalidades de Ensino a Distancia e Semi-presencial no Subsistema de Ensino Superior. Resultados da procura, Diário da República - I.ª Série n.º 23*.
- Dias, R.B., Bittencourt, I.G., Silva, J.S., Bittencourt, I.M. & Júnior, M.V. (2012). *Uso de redes sociais no ensino superior: análise em um curso de Bacharelado em Enfermagem*. Recuperado de: <http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/216b.pdf>. Acessado em 24/04/2020.
- Diaz, M.C.C. & Ignácio, E.M. (2014), *Facebook: uma ferramenta pedagógica? Explorando as possibilidades educacionais da rede social*. I Seminário de Arte, Educação e Culturas do Espaço cultural do Colégio Pedro II. Recuperado de:

<https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/tramas/article/view/180>. Acessado em 25/04/2020.

Fumian, A.M. & Rodrigues D.C.G. (2013). O Facebook enquanto plataforma de ensino. *Revista Brasileira de Ciência e Tecnologia*. vol 6, núm. 2, mai-ago.2013 ISSN - 1982-873X. pp. 173-182. Recuperado em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1635>. Acessado em 18/04/2020.

González, J.M. Lleixà, M.F. & Espuny, C.V. (2016). Las redes sociales y la educación superior: las actitudes de los estudiantes universitarios hacia el uso educativo de las redes sociales, de nuevo a examen. *Education in the Knowledge Society*, vol. 17, núm. 2, 2016, pp. 21-38. Universidad de Salamanca. Salamanca, España. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=535554762003>. Acessado em 20/04/2020.

Herrera, M. Á. (2013). Las Redes sociales como entornos académicos en la enseñanza universitaria. *Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo*. Publicación # 10 Enero – Junio. Recuperado de: <https://pdfs.semanticscholar.org/2566/c9e3a58c386a1fcf9addb9f0737e96295dfe.pdf>. Acessado em 19/04/2020.

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2016). *Resultados definitivos do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014*. Luanda, Angola.

Jorge, M. (2015, 6 de Junho). *Movicel e Facebook apresentam Internet.org (Internet grátis para todos angolanos)*. Recuperado de: <https://www.menosfios.com/movicel-e-facebook-apresentam-internet-org-internet-gratis-para-todos-angolanos/>. Acessado em 24/04/2020.

Lusa, Diário de Notícias (2018, 2 de Outubro). *Angola tem 13 milhões de utilizadores de telemóveis e quatro milhões com internet*. Recuperado de: <https://www.dn.pt/lusa/angola-tem-13-milhoes-de-utilizadores-de-telemoveis-e-quatro-milhoes-com-internet-9938897.html>. Acessado em 24/04/2020.

Neto, A. & Dias, T. (2019, 29 de Março). Angola "ensaia" regulação das redes sociais. *Agência de Notícias Angola Press*. Recuperado de: https://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/mobile/noticias/ciencia-e-tecnologia/2019/2/13/Angola-ensaia-regulacao-das-redes-sociais,c8a21f25-86e9-4aa4-917a-f350cd107ec6.html?version=mobile. Acessado em 20/04/2020.

Rámila, K.P.M. & Martinell, A.R. (2016). Redes sociales en educación superior: Transformaciones tecnológicas, de socialización y de colaboración entre estudiantado universitario. *Revista Ensayos Pedagógicos*. Edición Especial. Recuperado de: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/ensayospedagogicos/article/view/9342>. Acessado em 19/04/2020.



- Sambo, M.R.B. (2020, Março 20). *Mensagem dirigida à Comunidade Académica por ocasião da suspensão das actividades lectivas em todas as Instituições de Ensino Superior*. Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação. Angola.
- Sampieri, R.H., Collado, C.C. & Lucio, P.B. (2006). *Metodología de la investigación* (Cuarta edición). Mexico: The McGraw-Hill Interamericana.
- Tamayo, G. (2001). *Diseños muestrales en la investigación*. Semestre Económico vol. 4, No. 7. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5262273.pdf>. Acessado em 20/04/2020.
- UNESCO (1998). *Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI*. Conferencia Mundial sobre la Educación Superior, Paris, 9 Octubre. Recuperado em: http://www.unesco.org/education/educprog/wche/declaration_spa.htm. Acessado em 13/02/2020.
- UNESCO (2020, March 3). *COVID-19: 10 Recommendations to plan distance learning solutions*. Recuperado de: <https://en.unesco.org/news/COVID-19-10-recommendations-plan-distance-learning-solutions>. Acessado em 24/04/2020.
- UNITEL (2020, Março 31). *Unitel implementa pacote especial para reduzir impacto da COVID-19 no valor de Akz 8 mil milhões*. Recuperado de: <https://unitel.ao>. Acessado em 22/04/2020.
- Vianeque, F.A. & Bendrau, C.M.E. (2018). Os reptos do ensino dos Sistemas de Informação Geográfica: uma experiência a partir do ISCED de Benguela, Angola. In: *Integração Curricular, Avaliação e Inovação Educativa*. II Colóquio Sobre Estudos Curriculares, Benguela, Angola.

Recebido em 29 de Abril de 2020
Aceite em 12 de Maio de 2020
Publicado em 25 de Julho de 2020



Este artigo está licenciado sob a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista angolana de extensão universitária.